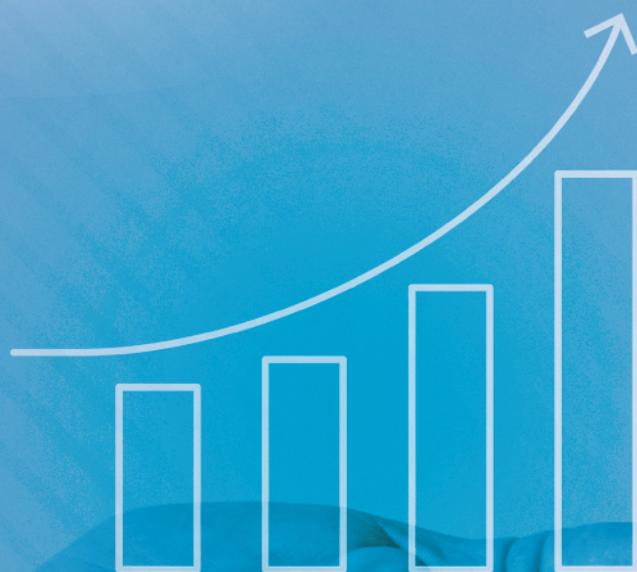


Debatendo
FUNCEF 
ESPECIAL



Balanço
2020

 **FENAG**



Vale salva FUNCEF em 2020, afirmam participantes

Riscos de novos déficits, desempenho sofrível do REB e Novo Plano e especulação no CredPlan foram pontos do balanço 2020 comentados no “Debatendo FUNCEF Especial”.

A valorização das ações da Vale foi a boia de salvação da Fundação dos Economiários Federais – FUNCEF no último ano-exercício. Assim, avaliaram os participantes Adenir Marcarini, Rogério Vida, Paulo Borges e Valter San Martin, em entrevista ao membro da Federação Nacional das Associações de Gestores da CAIXA – FENAG e diretor da Federação Nacional das Associações do Pessoal da CAIXA, Nilson Moura, no programa “DEBATENDO FUNCEF ESPECIAL”.



Prova disso é a diferença do desempenho das rentabilidades da carteira de investimentos em renda variável dos planos REG/Replan Saldado e Não Saldado, REB e Novo Plano, segundo os destaques apresentados pelo assessor da FENAE, Paulo Borges, para subsidiar as discussões.

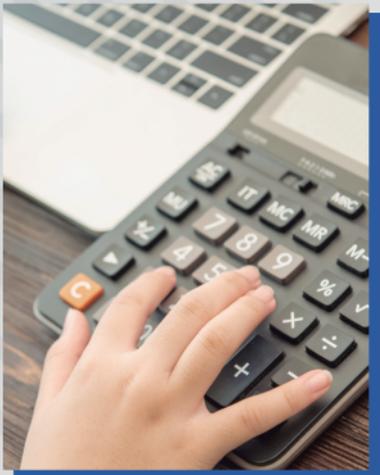
Confira a entrevista.

Destaques do balanço

A FUNCEF apresentou, no último ano-exercício, um superávit no consolidado dos planos na ordem de R\$ 2,57 bilhões, um resultado considerado bom num período atípico que foi 2020, mas insuficiente para reverter todo o déficit acumulado que, apesar desse significativo resultado, continuam com saldo negativo de R\$ 3,5 bi, segundo

balanço oficial da Fundação. “Este resultado alavancou o patrimônio da FUNCEF para R\$ 80 bi. O grande alavancador foi a carteira ativa FIA II pelo instrumento que a Fundação possui ações da Vale. Esta valorização gerou entrada de recursos de mais de R\$ 4 bi nos planos, extremamente significativa”, explicou Borges.

- **Resultado Consolidado no exercício: R\$ 2,57 bi**
- **Déficit acumulado: R\$ 3.7 bilhões**
- **Patrimônio investido: R\$ 80 bilhões**
- **Resultado Carteira Ativa II (Vale) = 4,1 bi**



Distribuição em cada plano – O REG/Replan Saldado, que fechou 2019 com déficit de R\$ 5,5 bi, teve um resultado acumulado positivo de quase R\$ 2 bi encerrando 2020 com um resultado deficitário de pouco mais de R\$ 3,5 bi. Com o ajuste de precificação, uma possibilidade que a legislação traz no que se refere aos planos de equacionamento, esse déficit fica pouco abaixo de R\$ 200 milhões. Com esse saldo deficitário, a legislação ainda não permite reajuste nos planos de equacionamento anteriores.

O REG/Replan Não Saldado fechou 2019 com um déficit de R\$ 565 mi. O exercício de 2020 trouxe um resultado de R\$ 587 mi, fechando com um saldo positivo de R\$ 21 mi e, com ajuste de precificação, permitiu à FUNCEF revisar o plano de equacionamento em vigor e reduzir as contribuições extraordinárias entre 16 e 17%, segundo dados da Fundação.

EQUILÍBRIO TÉCNICO DOS PLANOS

RegReplan Saldado 2019:	5.537.094
Exercício 2020:	1.987.942
Acumulado 2020:	3.549.339
Ajustado:	196.813

RegReplan Não Saldado 2019:	565.997
Exercício 2020:	587.089
Acumulado 2020:	21.087
Ajustado:	389.000



Borges lembrou que falar sobre déficit e superávit nos planos REB e Novo Plano, trata-se exclusivamente dos assistidos, pois os ativos têm a lógica da contribuição definida. Logo, aos assistidos do Novo Plano, houve resultado negativo, não significativo, mas que veio de um déficit de 2020 de R\$ 205 mi aproximadamente. Com ajuste de precificação, se tornaria positivo, mas como o plano não é alvo de equacionamento, não traz efeito prático.

O REB teve resultado positivo, pois estava superavitário e fechou o exercício com pouco mais de R\$ 2 mi.

“Aos ativos do REB e do Novo Plano sofreram redução comparado a 2019. O valor das quotas em 2020 estava inferior ao fechamento de 2019, porque a rentabilidade obtida por esses planos não conseguiu acompanhar a meta atuarial prevista”, afirmou o assessor da

Equilíbrio técnico dos planos FUNCEF – déficit acumulado até novembro de 2020

Novo Plano 2019:	192.864
Exercício 2020:	12.161
Acumulado 2020:	205.025
Ajustado:	257.277

REB 2019:	9.891
Exercício 2020:	2.612
Acumulado 2020:	12.502
Ajustado:	91.397

Rentabilidade por seguimento de investimentos da carteira da FUNCEF

A rentabilidade no conjunto dos planos ficou na casa dos 13,78%, portanto, superior à meta atuarial de 10,19%.

A rentabilidade na carteira de investimentos em renda variável da FUNCEF que significava, em 2020, por volta de 30%, foi de 22,14%. Puxada pela Vale, rendeu mais de 65%, ou seja, se não fosse pela mineradora, a rentabilidade não teria sido tão significativa.

Os investimentos estruturados, que estão se reduzindo na carteira da Fundação, em dezembro de 2020 era de 1,35%, teve rentabilidade de 10,47%.

A renda fixa, que era de 56,34% da carteira também em dezembro, rendeu 11,31%.

As operações de crédito com participantes, que tem 3,21% da carteira, apresentou rentabilidade de 11,25%.

Estas três categorias de investimentos - estruturados, renda fixa e operações com participantes - superaram a meta, não muito significativa, mas superaram.

Já, os investimentos imobiliários, que significavam 7,37% da carteira, renderam 1,75%, distante da meta atuarial. Este foi o setor que mais sentiu o impacto do ano atípico de 2020.

Resultados – 2020 – RENTABILIDADE

Rentabilidade dos planos: 13,78% ante meta atuarial de 10,19%

- **Renda variável:** 30,24% da carteira
Rentabilidade: **22,14%**
- **Investimentos estruturados:** 1,35% da carteira
Rentabilidade: 10,47%
- **Renda fixa:** 56,34% da carteira
Rentabilidade: 11,31%
- **Operação com Participantes:** 3,21% da carteira
Rentabilidade: 11,25%
- **Imobiliário:** 7,37% da carteira
Rentabilidade: 1,75%

Contencioso 2020

O provisionado para ações como perda provável no futuro sofreu acréscimo de 6,5% e subiu de R\$ 1,124 bi para R\$ 1,196 bi em 2020. Esse item do balanço representa aproximadamente 30% do déficit remanescente de R\$ 3,7 bi.

“A discussão que envolve esses valores, já há algum tempo, por maioria absoluta, é de que, por estarem relacionados com ações de ordem trabalhista com repercussão na FUNCEF, o responsável pelo aporte

desse recurso seria a patrocinadora por ter dado causa e origem à demanda trabalhista, ou seja, responsável pela cobertura desse déficit, um dos valores de impacto no saldo deficitário remanescente”, esclarece Borges.

Contencioso – perda provável:

- Contabilizado e provisionado
- R\$ 1.196 bilhão (1.124 bi – 6,5%)
- **Próximo a 30% do deficit (R\$ 3,7 bi)**

O impacto da Vale no resultado

No consolidado, no conjunto dos planos, esse ativo corresponde a 12,63% da carteira da FUNCEF. Dos R\$ 80 bi investidos, R\$ 10 bi são por conta da Vale.

Segundo o assessor da FENAE, nos planos que ela tem participação maior, o resultado positivo da Vale é quase sinônimo de superávit no plano, como quando o resultado negativo indicava possibilidade grande de déficit.

No REG/ Replan Saldado, a mineradora responde por 18,26% e, no Não Saldado, 14,03%. No REB, essa participação é de

5,6% e, no Novo Plano, 0,29%. Por esses valores, entende-se por que o REG/Replan, por conta da valorização da Vale, teve um resultado superior ao REB e ao Novo Plano que não capitalizaram resultado positivo esse ano.

Saldado: 18,26%

Não Saldado: 14,03%

REB: 5,6%

Novo Plano: 0,29%

Consolidado: 12,63%



Nilson Moura: Rogério, como você avalia o resultado de 2020 da FUNCEF?

Rogério Vida: *É interessante fazermos uma avaliação mais aprofundada. Há números que merecem análise para trazer aos colegas algumas reflexões. Se olharmos esses números, patrimônio significativo de R\$ 80 bi (somos o 3º maior fundo de pensão do país), mais uma vez, ressalta aos nossos olhos o resultado da carteira de ações da Vale que gerou um resultado de R\$ 4 bi. Após apurarmos todo o resultado, temos um consolidado de quase R\$ 2,56 bi, reduzindo o déficit acumulado em 2020 para R\$3,7bi, pois já somava desde 2017, um valor superior a R\$ 6 bi. Podemos dizer que, após alguns anos de acumulados déficits, o vimos*

reduzir. Temos também a contabilização do ajuste de precificação que entra com valores que superam R\$ 3 bi. Neste caso, temos uma redução significativa do déficit para algo em torno de R\$ 300 mi. Esperamos que ocorra uma gestão adequada esse ano, de aplicação e um resultado superavitário para que possamos virar essa página.

Nilson: Valter, podemos dizer que a preocupação com o equacionamento acabou?

Valter: *De forma nenhuma. Nossa preocupação não acabou. É fundamental que avaliemos esses resultados. Fala-se muito das gestões anteriores sobre o que elas fizeram, mas o resultado citado é única e*

exclusivamente de responsabilidade da atual gestão que assumiu em 2014. É importante fazermos essa separação assim como a responsabilização da gestão atual. Correções de rotas devem ser feitas para minimizar esse quadro e é isso que nós, os participantes da FUNCEF, aguardamos ansiosamente.

Nilson: O que faltou para os planos REB e Novo Plano terem os mesmos resultados do REG/Replan Saldado e Não Saldado, Adenir?

Adenir: Em 2020, tínhamos 10,19% de meta atuarial para atingir os objetivos. O REG/Replan Saldado atingiu 16,6% de rentabilidade e, o Não Saldado, 14,11%. O Novo Plano Benefício Definido, ou seja, ao aposentado, atingiu pouco mais acima da meta. Temos também o REB que abarca os colegas em gozo de aposentadoria que atingiu rentabilidade de 11,8%. Entretanto, aos colegas da ativa, do Novo Plano e do REB Contribuição Definida houve um gap e não atingiram a meta atuarial. O Novo Plano CD chegou a 7,45% e o REB CD, 7,98%. Em linhas gerais, podemos analisar que faltou o impacto da renda variável, mais especificamente, da Vale, como vimos a grande repercussão nos planos REG/Replan.



Nilson: Rogério, como você avalia a rentabilidade das carteiras que compõem os ativos da FUNCEF em 2020?

Rogério: A rentabilidade, na totalidade dos planos, atingiu 13,7% frente à meta atuarial de 10,19%. Nesse contexto, as carteiras são

divididas nas mais variadas modalidades. A renda fixa representa 56,3% do total de ativos que rendeu 11,3%, um pouco acima da meta. A renda variável, que representa 30,24% de todo o nosso investimento, rendeu 22,14%. O imobiliário, que representa 7,37%, nos rendeu 1,75%. Aqui, requer atenção maior e caso para análise em outro momento. As operações com participantes, que tem 3,25% dos nossos ativos, rendeu 11,25% e, os estruturados, que tem 1,35%, teve rentabilidade de 10,47%. Vale um olhar nas operações com participantes, quando buscam principalmente num momento desses que vivemos. A primeira coisa que avaliamos é a rentabilidade gerada frente à meta atuarial de 10,19%. Será que precisamos gerar, num recurso que é do próprio participante, um ganho de 11,25%? Não podemos ter uma taxa mais reduzida? Ainda, observamos o volume de participação dos resultados: de 3,21%. Isso pode ser maior. Temos uma situação que vale a pena observar em função da postergação da renovação do convênio com o INSS. As margens consignáveis dos colegas aposentados são prejudicadas. Isso precisa ser resolvido. É importante lembrar que temos a possibilidade de aumentar o valor a ser emprestado, por ser um risco muito baixo, e buscar redução no custo deste crédito que pode melhorar a situação dos participantes. Frisando mais uma vez: a Vale participa com 12,63% dos ativos e salvou o resultado da FUNCEF em 2020.



Nilson: Na apresentação do Balanço da FUNCEF, foi comentado que a quebra da

paridade não é um problema. O que você diria sobre essa afirmação, Valter?

Valter: *A paridade é a característica ou qualidade daquilo que é par; igualdade. Esse foi um comentário muito infeliz feito por um dos diretores eleitos na divulgação do balanço. Em 2018, o Termo de Ajustamento de Conduta – TAC, o qual quebrou a paridade do REG/Replan Não Saldado, foi assinado por todos os diretores indicados e eleitos, inclusive, este diretor, que falou essa aberração que seria “boa aos participantes porque agora eles receberiam um valor maior”. Não tem sentido. Recordo da afirmação da Diretoria em 2018 de que tinha de assinar o TAC para evitar uma intervenção da Superintendência Nacional de Previdência Suplementar - Previc. Isso é pura falácia. Não se sustenta essa alegação da FUNCEF. É um problema aos participantes do REG/Replan Não Saldado, pois conforme se aposentam, a contribuição da CAIXA se reduz havendo possibilidade dos remanescentes arcarem com o valor integral do pagamento do equacionamento. A paridade existe na contribuição da patrocinadora, quando para cada R\$ 1 depositado pelo participante, há R\$ 1 depositado por ela. Isso caracteriza a paridade. Temos uma situação de igualdade como encontramos no pagamento dos equacionamentos. É aí que está o problema aos participantes do REG/Replan Não Saldado, pois com a assinatura do TAC, a patrocinadora passou a contribuir com percentual menor e a tendência é aumentá-lo aos participantes.*

Nilson: Adenir, o que você diria sobre a Vale especificamente?

Adenir: *Sempre é importante traçarmos uma linha do histórico quando se trata de Vale. Quando analisamos o histórico de qualquer ativo da bolsa de valores, de renda variável, há uma oscilação ao longo do tempo. No caso da Vale, a queda dos commodities em 2019, em nível mundial, afetou frontalmente o valor dos ativos da mineradora que produz, vende e exporta minério de ferro em sua maioria. Com a pandemia, em 2020, e a necessidade de os governos reanimarem suas economias mundo a fora, em especial, a economia da China, todas as commodities tiveram grande valorização. Há um índice utilizado para efeito de averiguação do comportamento delas. Desde 2011, 2012, percebeu-se que petróleo, gás, grãos, frango e minério de ferro sofreram uma desvalorização muito significativa em função da crise de 2008. Em 2020, traça-se e estuda-se com uma linha de tendência de baixa e verifica-se o comportamento dessas commodities. Quando há rompimento dessa linha de tendência, percebe-se o movimento de mercado em que passam a ser valorizado o minério de ferro. E não foi diferente com a Vale que passou de R\$ 9 a R\$ 112. Alguns analistas afirmam que o minério de ferro produzido pela Vale, que é de maior qualidade, deverá passar para U\$200. Isso afeta frontalmente a mineradora. A Vale sempre será uma grande puxadora dos números da bolsa de valores brasileira, a exemplo da Petrobras, aos fundos de pensão como FUNCEF, Petros e Previ que possuem posições na mineradora. Haverá impacto desses números como agora de maneira positiva. Achamos que, em médio e longo*



prazos, tendemos que será de nova valorização de cota desse ativo.



Nilson: Rogério, como você avalia a rentabilidade das carteiras que compõem os ativos da FUNCEF em 2020?

Rogério: *A rentabilidade, na totalidade dos planos, atingiu 13,7% frente à meta atuarial de 10,19%. Nesse contexto, as carteiras são divididas nas mais variadas modalidades. A renda fixa representa 56,3% do total de ativos que rendeu 11,3%, um pouco acima da meta. A renda variável, que representa 30,24% de todo o nosso investimento, rendeu 22,14%. O imobiliário, que representa 7,37%, nos rendeu 1,75%. Aqui, requer atenção maior e caso para análise em outro momento. As operações com participantes, que tem 3,25% dos nossos ativos, rendeu 11,25% e, os estruturados, que tem 1,35%, teve rentabilidade de 10,47%. Vale um olhar nas operações com participantes, quando buscam principalmente num momento desses que vivemos. A primeira coisa que avaliamos é a rentabilidade gerada frente à meta atuarial de 10,19%. Será que precisamos gerar, num recurso que é do próprio participante, um ganho de 11,25%? Não podemos ter uma taxa mais reduzida? Ainda, observamos o volume de participação dos resultados: de 3,21%. Isso pode ser maior. Temos uma situação que vale a pena observar em função da postergação da renovação do convênio com o INSS. As margens consignáveis dos colegas aposentados são prejudicadas. Isso precisa ser resolvido. É importante lembrar que temos a possibilidade de aumentar o valor a ser emprestado, por ser um risco muito baixo, e buscar redução no custo deste crédito que pode melhorar a situação dos participantes. Frisando mais uma vez: a Vale participa com 12,63% dos ativos e salvou o resultado da FUNCEF em 2020.*

Nilson: Na apresentação do Balanço da FUNCEF, foi comentado que a quebra da paridade não é um problema. O que você diria sobre essa afirmação, Valter?

Adenir Marcarini é diretor de Relações Humanas e Aposentados da Associação de Gestores da Caixa Econômica Federal de Santa Catarina - AGECEF/SC e integrante do Grupo de Trabalho FUNCEF da FENAG.

Rogério Vida é vice-presidente do Conselho Deliberativo e membro do GT FUNCEF da FENAG e presidente da AGECEF/BH.

Valter San Martin é secretário de Direitos Previdenciários da Associação de Pessoal de Caixa Econômica Federal de São Paulo - APCEF/SP, coordenador da Regional Paulista do Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região - SEEB/SP e diretor-coordenador da Regional da Associação Nacional de Participantes de Fundos de Pensão e Beneficiários de Planos de Saúde na Modalidade Autogestão - ANAPAR/SP.

Assista e leia a esta e a outras edições de

**Debatendo
FUNCEF** 
em 15 minutos

em nossos canais oficiais:



FenaeFederacao
FENAG_Oficial



FenaeFederacao
fenag.org.br



@fenaefederacao
@fenagcaixa



fenae.org.br/porta/fenae-portal/
fenag.org.br/



@fenaefederacao
@FENAG_Oficial



fenae-federacao
FENAG CAIXA